

## Maternidade e os não-lugares da mulher que é mãe

Priscilla Bezerra Barbosa<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo foi construído com o objetivo de apresentar a pesquisa intitulada *O Filho é da Mãe?*, desenvolvida ao longo do curso de mestrado acadêmico em educação, contextos e demandas populares, do programa de pós-graduação da UFRRJ e que tem como objeto de reflexão, a maternidade. Tal estudo foi pensado com a intenção de suscitar questionamentos que convidassem à problematização sobre como e o quanto a estrutura machista de nossa sociedade atua sobre a vida da mulher, usando a maternidade como ferramenta para oprimi-la e cerceá-la. Esquematizado com base no patriarcado de outrora e sob ideias conservadoras de gênero, o machismo tem sido crucial para a imposição à mulher de um lugar de subalternidade em nossa sociedade. Assim sendo, a referida pesquisa propôs-se a desnudar, buscando nas experiências de mulheres que são mães e as formas que vivenciam seus cotidianos, como se dão as relações entre a maternidade e suas atuações outras em nossa sociedade. Para tal, trouxe uma proposta de entrelaçamento entre estas atuações e as experiências destas mulheres no âmbito privado de suas vidas. O cruzamento proposto se deu mediante o reconhecimento da relevância deste para que haja a compreensão sobre o quanto a utilização da maternidade pelo machismo estrutural forja a forma como se delinearão os processos de atuação da mulher em seus múltiplos papéis sociais. Sob uma visão problematizadora que se quer feminista, propus uma reflexão sobre como o dificultamento no acesso e manutenção, quando não o alijamento, da mulher à esfera pública da sociedade está fortemente atravessado por suas supostas responsabilizações vividas no cotidiano da vida privada e que encontra um peso ainda mais acentuado se atravessado pela maternidade.

Palavras-Chave: feminismo; gênero; maternidade.

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – UFRRJ. Bolsista Capes D/S. Autora do Livro *O Filho É da Mãe?*

## O filho é da mãe?

Autora: Priscilla Bezerra Barbosa

### 1- Introdução

Desde que me tornei mãe, venho passando por um processo de descobrimentos sem fim. São novas visões de mundo, novas sensações, novos medos, supostas obrigações, novos prazeres e dificuldades, muitas dificuldades que, inicialmente, me pareciam inenarráveis pelo fato de se apresentavam falsamente como uma questão particular e tão somente minha que não careciam ser expostas ao mundo. Parecia serem as minhas dificuldades, as minhas inquietações e a minha falta de resiliência diante do mundo maternal pelo qual havia optado.

Nenhuma experiência vivida até hoje possibilitou a mim, compreender com tanta clareza o sentido que o outro representa para o eu, que a vivência da maternidade. Da mesma forma, lançou-me de súbito ao cerne do que a história nos permite chamar de opressão. Entendi ali o que Marx dizia ao indicar que *“a mulher é o proletariado do homem”*. Sendo mais objetiva, há algum tempo venho percebendo o quanto a maternidade pode se delinear como um espaço de exercício de poder. Refiro-me ao poder enquanto possibilidade de força, possibilidade de submissão do outro, mais especificamente, do homem sobre a mulher. Mas, percebi também, que, não somente para mim, mas para muitas, a maternidade traz em si outra dimensão de “poder”, sendo esta no sentido mais amplo, mais crítico, mais enriquecedor e mais político possível. Sim, *político*. Não consigo definir a maternidade senão como, entre outras coisas, a constituição de uma possibilidade de experiência política para as mulheres que, ao longo da história de organização da nossa sociedade, de orientação judaico-cristã-ocidental, capitalista e patriarcal, ocuparam um lugar, muito bem esquematizado, de subalternização.

A partir do ponto em que penso ser a maternidade um espaço possível para a prática política, é possível dizer que, a partir dela, encontro uma possibilidade de problematização da vida. Desta forma, vejo a experiência da maternidade como oportunidades que mais parecem uma convocação ao estabelecimento de questionamentos e quebra de paradigmas há tanto naturalizados em nossa sociedade. É neste âmbito que penso ser possível fazer a leitura da experiência materna sob duas óticas: a otimista, quando eu digo que a perspectiva aqui proposta é enxergar a maternidade como espaço de luta política, de reação, resistência e desconstrução das questões impostas ao feminino e à mulher em nossa sociedade de base patriarcal e machista. A outra seria a pessimista quando enxergo a maternidade de forma irreversivelmente cerceadora das possibilidades de *ser e*

*pertencer*<sup>2</sup> da mulher, se configurando num espaço mais que eficiente para oprimi-la e onde ela enfrenta situações diante das quais é treinada socialmente a se calar, soterrando-se pelo velho discurso do *é assim mesmo, o filho é da mãe* entre outros, proferidos e corroborados na ausência de reflexão e empatia mínima de uma sociedade que preza pela manutenção da dominação masculina.

Enquanto pessoa que sou, mulher, mãe e pesquisadora, percebo a mutualidade do positivo e do negativo da experiência da maternidade e tudo que a partir dela sobrevém às mulheres. Optei pela minha filha e não pelo soterramento do meu ser social, político e cultural e, muito menos, dos lugares pelos quais desejo, utopicamente talvez, que *todas* as mulheres transitem livremente pelo mundo.

## 2- Metodologia

O trabalho centralizou-se na teoria bakhtiniana do dialogismo e as discussões oferecidas pela mesma sobre a relação eu-outro. Bakhtin é apresentado como minha base também nas questões que envolvem a possibilidade de uma escrita outra, visto que apresento a dissertação no gênero discursivo relatório, apresentando os diálogos construídos entre mim e minhas sujeitas. Através de Bakhtin, encontro na polifonia a possibilidade da conjectura de múltiplas vozes junto a minha, ao longo da construção textual da dissertação, o que serviu para definir a forma estética escolhida para apresentar os resultados da pesquisa, visando justificar um texto que transcenda o gênero dissertativo, permitindo o seu alargamento a outro(s) gêneros discursivos.

Os diálogos estabelecidos me deram a base necessária para iniciar os questionamentos que foram problematizados com base nos pensamentos de autoras e autores que apresentam um olhar feminista sobre a condição da mulher em nossa sociedade. Para tal, trago ao diálogo, como referencial desse olhar, a autora Simone Beauvoir.

A partir disso, trago um trabalho que buscou o estabelecimento de diálogos que pudessem orientar, questionar e problematizar as condições de opressão historicamente forjadas com base na sociedade patriarcal e que cotidianamente, mesmo que em nuances de sutileza, pesa sobre nós mulheres e interfere perversamente sobre nosso sentido de *ser* no espaço público.

O foco da discussão foi construído na vivência da maternidade e as narrativas ouvidas me levaram ao seguinte questionamento: *o que você já deixou de fazer ou teve a dificuldade acentuada para fazer, pelo fato de ser mãe?* A opção por tal recorte se deu a partir da percepção que tive da maternidade como ferramenta, muito bem empunhada, da opressão machista da sociedade contra a mulher e que faz deste lugar, com muita facilidade, um agravante para o dificultamento, quando não o alijamento, da mulher para a atuação na esfera pública da vida social,

---

<sup>2</sup> As ideias de Ser e Pertencer apresentadas, construí no contato com Clarice Lispector em seus textos *Persona* e *Pertencer* que, nos momentos em que li e reli, me pareceram bastante pertinentes às discussões que se querem problematizadoras sobre o que é ser mulher numa sociedade organizada para o homem.

cerceando-a de suas possibilidades de *ser e pertencer* no sentido ofertado a nós por Clarice Lispector.

Para alcançar o proposto, busquei em mulheres, experiências suas, a partir da vivência da maternidade e em espaços por essa atravessados, principalmente nos que concernem às possibilidades de acesso à formação e à atuação profissional. Assim, optei por me apoiar em estudos sobre a mulher e que se constituíram sob uma ótica feminista.

A matéria para o desenvolvimento da proposta se delineou através das enunciações que a mim chegaram no desprezioso viver cotidiano de mulheres mães e às quais tive acesso em situações as mais simples e comuns da vida. As ocasiões se deram, em maioria, de maneira aleatória e inesperada, não calculada, em conversas mais várias. Os diálogos da vida se estabelecem quando menos esperamos e quando o assunto é a maternidade, eles se dão em todas as partes, basta que estejamos prontos a percebê-los, a oferecer uma escuta afetiva e alteritária.

Desta forma, os diálogos estabelecidos entre mim e o outro, compuseram o produto necessário para dar início aos questionamentos problematizados ao longo do trabalho, sobre as condições passíveis de serem vividas por muitas mulheres que são mães, em nossa sociedade. Assim, diante de tais diálogos, me pus a refletir sobre uma resposta possível e responsável aos enunciados apresentados e os sentidos que lhes atravessaram.

O trabalho, enquanto metodologia de pesquisa, como já dito, baseia-se na visão de Bakhtin ainda no que diz respeito ao trato das ciências humanas como uma pesquisa que se estabelece nas relações e que estas se querem dialógicas entre os sujeitos nela envolvidos. Por este viés, há um posicionamento meu, enquanto sujeita dialógica, falante e expressiva que sou, em compreender os projetos discursivos apresentados por minhas sujeitas de pesquisa, dialógicas, falantes e expressivas que são. Elas, assim como eu, se posicionam diante do mundo e suas questões, apresentando seus posicionamentos e visões de mundo a partir de um projeto discursivo que constitui suas enunciações.

Apesar de não o invocar para esta conversa, neste momento Durkheim, e sua teoria do Fato Social, me pareceu bastante propício. As muitas vivências que temos a partir do instante que nos tornamos mães, são exteriores, coercitivas e generalizadas. Se assim são, não podemos reduzi-las a uma epidemia de incapacidade feminina para associar de forma coerente a maternidade com o resto do mundo.

### **3- Discussão e resultados da pesquisa**

O que intensifica as tensões entre mulheres mães e o machismo estruturado na sociedade em que vivem, são ainda as escolhas destas sobre ocupar lugares outros no mundo. Há um comportamento sutil e silencioso que nos afasta do mercado de trabalho, do investimento na formação profissional e/ou acadêmica, nos afasta da convivência social prazerosa a nós mesmas, nos afasta das possibilidades de participação em lutas políticas, dos espaços de intelectualização e nos afasta até mesmo do prazer a partir de nossos corpos, de nossa natureza.

Parece que nos é permitido ser tudo ou, ao menos, vislumbrar sê-lo, desde que não assumamos o papel de mãe. A maternidade vem e nos impõe, automaticamente, um sistema de exclusão, entramos no modo „OU“: OU o mundo OU a maternidade. Como se combinações não fossem possíveis e a responsabilidade pelos filhos fosse exclusivamente da mulher.

Fazendo uso de uma reflexão que a mim, muito forte pareceu, apresentada pela escritora nigeriana Chimamanda Adchie, corroboro aqui o que tenho observado nos ambientes de formação acadêmica por onde tenho transitado. Chimamanda diz que mulheres, devido ao treinamento social que recebem, “fazem do fingimento uma arte”<sup>3</sup>. A escritora faz referência à atuação da sociedade sobre a formação de indivíduos do sexo feminino, porém, enquadrando o pensamento ao qual faço coro, com a questão que trazida neste trabalho, percebo o quanto somos praticantes da arte do fingimento, principalmente se somos mães e desejamos/precisamos estar nos espaços de formação e no mercado de trabalho. Quando ousamos nos imbricar e manter na esfera pública da sociedade em que vivemos, automaticamente, mesmo que nada nos seja dito, convidadas a atuar como se não fossemos mães. Exigem de nós uma capacidade produtiva, em termos de dedicação exclusiva, como se não houvesse outro ser no mundo que dependesse da minha presença. Quando não fingimos que não temos responsabilidades com a formação de outro ser, o filho, simplesmente, fingimos que não vivemos numa sociedade que imputa sobre mim, cem por cento das responsabilidades sobre a formação deste filho. Então, muitas vezes, por necessidade, mulheres se mantêm na esfera pública da vida, fingindo dar conta das responsabilidades, quase nunca compartilhadas com terceiros, sobre seus filhos. Quando são elas, aquelas que não aceitam este tal mecanismo de opção sem opções, logo são imersas em dificuldades infindas, a começar por não encontrarem, muitas vezes, permissão para SER, fora da maternidade. Por outro lado, caso aceitem tal mecanismo, também encontram dificuldades e são apontadas como mulheres incapazes de administrar a maternidade e a vida pública. A mulher que busca vida além da maternidade, acaba sendo de alguma forma mal vista e com muita facilidade negativamente apontada, tanto quanto aquela que se aprisiona na maternidade. Parece-me que nunca nos encontramos livres dos apontamentos desagradáveis sobre nossas condutas.

Ao longo da pesquisa, pude perceber sem muito esforço, que aquilo que a uma de nós submete, se repete em várias outras vidas, fazendo-se compreensível que, ao contrário do que eu imaginava, as questões que há algum tempo me esmagam e marginalizam com sutil perversidade, não são questões particulares e simplistas, mas sim questões que ocorrem tão frequentemente que se colocam a meu ver, como passível de denúncia da opressão machista que tem seu objetivo a manutenção da mulher no espaço privado. Sendo assim, para além de uma denúncia, estabeleceu-se uma convocação para uma discussão que se quer urgente e necessita se dar de maneira minimamente empática, crítica e politizada sobre a maternidade como um agravante para a imobilidade social da mulher.

Para consubstanciar tal discussão, convido a uma reflexão que nos permita enxergar que aquilo que tanto naturalizam atributo invariável e inquestionável da experiência

---

<sup>3</sup> Livro *Sejamos todos feministas*, de Chimamanda Ngozi Adchie p, 36.

do ser mulher, nada mais é que resultado de uma construção histórica e cultural estabelecida para atingir determinada organização da nossa sociedade sob o poder do homem e sua masculinidade.

Precisamos observar ainda, que não é possível falarmos “da mulher” ou “da mãe”, visto que estas não cabem em uma categoria universalizada. A perspectiva social das mulheres com as quais dialoguei não foi algo que passou despercebido. Minhas interlocutoras são mulheres que têm idade entre os 30 e 55 anos, moradoras da Baixada Fluminense e subúrbio do Rio de Janeiro. São todas atuantes no mercado de trabalho, exceto uma que é aposentada. Estão divididas entre o mercado formal e o informal e, em maioria, estudantes de graduação e pós-graduação em universidades públicas. Seus filhos têm idade atual que varia de 1 ano a 35 anos. Embora sejam todas elas mulheres que se enquadram num perfil social periférico, todas, sem exceção estão em lugares de privilégio com relação a muitas outras mulheres de seu entorno. São mulheres escolarizadas, trabalhadoras/profissionais com renda própria, embora nem sempre seja a renda principal da família e, em maioria, são mulheres que construíram, cada qual a sua medida, uma visão crítica da realidade em que vivem.

Outra percepção que me veio através da pesquisa é a de que, claramente, as questões que cruzam a vida privada de mulheres mães, têm interferência direta sobre aquelas que elas vivenciam no âmbito da esfera pública. A título de ilustração, podemos averiguar os dados apresentados pela pesquisa do IBGE em 2010<sup>4</sup>, que traz um recorte pautado no gênero, e que aponta o abandono escolar de mulheres jovens, impulsionado pela iniciação destas na maternidade. O que digo, é que se historicamente a mulher vem lutando incansavelmente para ter respeitada a sua atuação nas esferas públicas da sociedade, as vitórias já alcançadas não exercem sobre aquelas que são mães, os mesmos resultados que para aquelas que não o são. A distância existente entre mulheres sem filhos e mulheres com filhos, na construção de seus caminhos de independência, que passam pela possibilidade de acesso à formação e dedicação à carreira, principalmente, é ainda considerável. E, quando a distância não se apresenta de forma tão dispare, é nas dificuldades encontradas neste trajeto que está o maior peso.

As questões que se constituíram a partir das conversas com as mulheres e que serviram para filtrar os enunciados apresentados foram: *que dificuldades são enfrentadas por mães para acessar e se manter na esfera pública da sociedade? Por que razão tais dificuldades se impõem?* Como resposta, obtivemos histórias, experiências e memórias que mais me soaram como tentativas de denúncia dessas mulheres sobre as sensações de esmagamento e luta constante impostas a elas a partir da maternidade. Dentre as mulheres encontradas ao longo da pesquisa, houve aquela que se viu e vê presa a um desejo e uma necessidade enormes de construir uma carreira a fim de alcançar algum conforto material para si e para o filho. Esta, divorciada, mãe de uma criança atualmente com cinco anos, não encontra possibilidade de tempo para investir na construção da almejada carreira. Trabalhadora assalariada de uma empresa privada, passa o dia em sua ocupação

---

<sup>4</sup> Link para download da publicação dos dados: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=288941>

enquanto o filho estuda em horário integral. Seu trabalho exige se si, ainda, um dia do final de semana. Já outra, para conseguir cursar o ensino superior, tendo sua filha pouco mais de um ano de idade, precisou implorar chorando para que a diretora de uma escola aceitasse sua filha de tão pouca idade entre os alunos. Tal situação se deu porque ela precisava, além de cursar a graduação, vender tortas nas ruas e ainda estudar para ser aprovada num concurso público. Conseguiu matricular a filha que bem se adaptou à escola. Durante o dia, administrava as tarefas de casa, preparava e vendia tortas, estudava para concursos e, à noite, frequentava o curso de Pedagogia numa instituição pública do RJ. Concorreu-se. Possui hoje, duas matrículas no município do RJ e cursa o Mestra o na mesma instituição em que fez a graduação. Sua filha, aos doze anos, passa parte do dia na escola e parte em casa, sozinha. A mulher vive à beira do esgotamento, pois, divorciada, responsável única por sua filha, se divide entre todas as suas obrigações de trabalho, a vida acadêmica e a manutenção de um vínculo com a filha. Dificilmente consegue um contexto favorável à leitura e a produção textual. Com o horário diurno do curso de mestrado, apesar de se equilibrar para dar conta de tudo, necessita da compreensão e do apoio do seu orientador. Costuma dizer que é muito grata a ele, pois tem consciência que, talvez, nenhum outro teria abraçado suas dificuldades com relação à disponibilidade de horário como ele fez. Em outra narrativa, mostrou-se aquela que para manter sozinha as três filhas, dedicou todo o seu tempo somente ao trabalho, sem possibilidades de investir numa formação que beneficiasse sua carreira. Professora. Acumulou dezenas de tempos de aula ao longo de toda a sua vida profissional. Em meio a todas as dificuldades vividas para ser quem é e tornar as filhas quem são, não abriu mão do sonho de dar continuidade à carreira. Aposentou-se e dedicou seu tempo a estudar para entrar na academia. Lá está, cursando o tão sonhado mestrado. Diz que tem sentindo um pesar enorme, por não mais estar atuando em sala de aula. Pensa no quanto melhor poderia ter sido sua atuação se tivesse recebido a oportunidade de formação. Declara-se feliz por estar ali, depois de toda a vida que até aqui viveu, porém, sente que perdeu muitas possibilidades outras por não ter podido se dedicar anos antes, à sua vida acadêmica. Houve uma que é bem jovem, a mais jovem delas. Cursando sua segunda graduação. Sua primeira formação se deu numa instituição privada da Baixada Fluminense, região onde mora. Esta segunda graduação está ocorrendo numa universidade federal. Totalmente engajada nos grupos de estudos sobre a mulher e nos grupos de estudos étnico-raciais. Casada. Engravidou do segundo filho durante o curso. Foi até o final da gestação bastante ativa. Tudo programado para usufruir de sua licença-maternidade dentro do curso, o que lhe respaldaria para a passagem ao semestre seguinte sem transtornos, após o nascimento do filho. Mesmo com a licença prevista em lei e de seu total direito, conversou com cada professor sobre o afastamento que se daria, se dispondo a ser avaliada da forma que eles achassem melhor para que ela fechasse o semestre. Com quase nove meses de gestação, os técnicos da instituição entraram em greve. A greve se estendeu por meses. A criança nasceu e a licença lhe foi negada, tendo como argumento a greve dos técnicos, assim, não havia funcionário apto a dar entrada em sua licença. Perdeu o semestre. De todos os seus professores, teve uma única que se recusou avaliá-la de forma diferenciada da turma. Ela fez contato com a professora, um dia após o nascimento do filho. Se dispôs a fazer a avaliação, mas não houve negociação. A professora acha que ela

deveria ter esperado terminar o curso para ter filho, porque ela própria, assim o fez. Retornou às aulas com trinta dias de nascimento do filho. Sentia dores nos seios fartos de leite. Andava pelos corredores da instituição com sua roupa molhada de leite. Em casa, seu filho ficava com sua sogra. O pai da criança trabalhava sem nenhum transtorno em seu dia, não teve sua rotina afetada pela chegada do bebê. Houve ainda, aquela que mesmo dedicada à vida acadêmica, teve oportunidades negadas pelo fato de ser mãe. Mantinha um fluxo bom de produção e publicações. Era a menina dos olhos de uma professora da época da graduação que nela investia bastante para que seguisse na academia. Casou-se. Engravidou. Seguiu suas atividades em grupos de pesquisa, sem maiores problemas. Aos poucos, aquela que nela investia e tanto incentivava, foi se afastando. Sempre dava um jeito de ressaltar o quanto era feliz por não ter sido mãe. Certo dia, tal mulher ligou para a pupila e lhe falou por longo tempo sobre uma oportunidade de trabalho magnífica que surgiu numa renomada instituição de ensino do país. A vaga de trabalho deveria ser preenchida por alguém de confiança da professora. O salário era muito além do que sua pupila já havia vislumbrado para a realidade de vida que sempre teve. Disse que era ela a única em quem poderia confiar como uma filha. Por fim, após destrinchar detalhadamente todas as benesses daquela oportunidade de trabalho, disse que só não daria a vaga para sua pupila porque ela já havia feito a sua escolha de vida, a maternidade. Teve ainda, aquela que conquistou aprovação para um curso de mestrado em outra região do país e que é ainda hoje, o único no Brasil. Foi uma conquista árdua e que contou com muito estudo, incentivo e apoio financeiro de professores seus. Ao ser aprovada, ouviu do companheiro, pais dos filhos, que não teria como fazer o curso, pois, não havia quem pudesse cuidar de seus filhos. Pensou em desistir. Foi cobrada pelos que lhe ofereceram apoio. Foi. Levou os filhos. Relatou ter passado um dos mais doloridos períodos de sua maternidade. Seus filhos ali, choraram ao se deparar com o vazio da humilde casa que conseguiu alugar para morar durante o período do curso. A casa contava com um colchão de casal e um fogão, somente. Estavam em outra região do país, sem seus familiares e amigos, numa nova escola e trancados naquela casa vazia e desconfortável durante o período em que a mãe estava na universidade assistindo às aulas. Com o tempo, passou a levar os filhos consigo para a universidade. Passavam o dia na biblioteca aguardando que a ela pudesse retornar para casa. Duas crianças, totalmente alheias aquele mundo. Ela, uma mulher em sofrimento por não ter visto saída outra. Seu marido seguiu a vida, dentro do seu conforto de sempre em sua casa e em seu emprego, esperando o dia em que a mulher retornaria desistindo daquele ato que ele determinou ser uma loucura. Houve aquela que, divorciada, sozinha com a filha de três anos e sem ter com quem contar, levava sua pequena para a universidade todas às vezes em que lá deveria estar. Rotina cansativa. Criança estressada e mal alimentada. Foi completamente acolhida com sua filha, pelo seu orientador. Lá estavam juntas nas orientações, grupo de pesquisa e grupo de leitura. Ele, seu orientador, sempre dizia que ser mulher e mãe é foda! Dizia ainda que se sentia num dever moral de acolhe-las. A criança se sentia pertencente aquele espaço. Passava as horas se distraindo entre massas de modelar, folhas de ofício, gizes de cera, frutas e biscoitos. Dividiam o prato do almoço no RU. Outros professores olhavam com desprezo a presença da criança ali. Deixavam claro nas entrevistas durante o processo seletivo que para ter sua orientação, a candidata não poderia ter filhos ou,

se tivesse, deveriam agir como se não os tivesse. Aquele espaço não era para quem não tivesse disponibilidade de tempo, diziam eles! Ela dizia que tudo ali declarava veladamente que aquele espaço não era para ela, não era para mulheres, muito menos para aquelas que decidiram pela maternidade. Da mesma forma, disse sentir-se cerceada de ir à eventos acadêmicos, já que estes não tem, assim como as universidades, estrutura para acolher mulheres que ainda hoje têm dificuldades para encontrar quem compartilhe ou, ao menos, auxilie das responsabilidades com relação aos filhos.

Não poderia deixar de explicitar que entre as narrativas que me convocaram e convocam à reflexão, deparei-me com aquelas concernentes à negação da maternidade por mulheres que, a partir de argumentações várias, não a desejam. Entendo e respeito que uma mulher não deseje viver a maternidade que, ao contrário do que dizem, tenho percebido, não é um paraíso. Entretanto, a partir do que ouvi e ouço, tenho a impressão que tal escolha tem se dado muito mais pautada num receio destas mulheres, no que se refere à grande probabilidade de marginalização e cerceamentos que lhes será imputado sobre as possibilidades futuras de atuação nas diversas esferas sociais. O que tenho visto é que aquilo que eu e tantas outras vivemos cotidianamente e sem pausa, desde que nos tornamos mães e atinge diretamente, de maneira definidora, nossos outros lugares no mundo, há muito vem sendo percebido por tantas outras mulheres mesmo que não estejam vivendo a experiência da maternidade. Vejo um número grande de mulheres dotadas de uma sensibilidade que as permite compreender o quanto a chegada dos filhos dificulta a liberdade do feminino num mundo privilegiadamente masculino.

Ouçõ de muitos que a responsabilidade para tanto desajuste de nós mulheres à maternidade e ao mundo, se dá por escolha nossa. Argumentam que não satisfeitas com a vida pacata no âmbito privado, brigamos para ocupar os espaços públicos. Somos culpabilizadas pelo acúmulo de obrigações que nos acometem quando nos tornamos mães. Poucos questionam a naturalização de tais discursos. Primeiramente, me parece que não estão inclinados a compreender que a entrada da mulher no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma reorganização da estrutura social necessária ao acolhimento desta<sup>5</sup>. Segundo, há neste contexto, a urgência na desconstrução do que se estabeleceu ao longo do tempo, como tarefa da mulher e tarefa do homem, a resistente construção dicotômica entre masculino e feminino. A sociedade reforça a cada dia a velha ideia de “quem pariu os seus que os embale”, enfatizando seu significado com base no velho dito “o filho é da mãe”, sem perceber as ideologias trazidas em tal forma de pensar e que determinaram ser o papel da mulher na sociedade.

O que posso afirmar do lugar que ocupo e buscando apoio em palavras de Simone de Beauvoir<sup>6</sup> sobre a maternidade, é que não nos *tornamos* um bando de mulheres cansadas, resmungonas e mal sucedidas na maternidade e na vida, na verdade, *nos tornam* isto, a partir das construções sobre o lugar da mulher, dentro de uma

<sup>5</sup> O *Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, p, 880.

<sup>6</sup> Beauvoir aponta que a mulher, desde a infância, é levada a crer que o exercício da maternidade é a finalidade de sua natureza e todas as dificuldades às quais será submetida no interior da sociedade em que vive, estará sempre sendo justificado pela glória de ter um filho, pelo privilégio de poder tornar-se mãe. O *segundo sexo*, p, 654.

sociedade machista formada com base no patriarcado. O que muitos não percebem ainda é que, na realidade da vida maternal, *gritaram-me Mãe* da mesma forma que *gritaram-me Negra*<sup>7</sup>.

Será que a questão se resolve ao rotularmos a maternidade como um eterno e irreparável padecer no paraíso? O que ganham as mulheres que são mães ao internalizarem e reproduzirem a ideia que reforça ainda hoje que mãe é mãe e que o filho é dela? Fico a observar que diante de tantas dificuldades que atropelam as mulheres ao adentrarem na maternidade, não as atropelam por si só. A maternidade e a existência dos filhos não me parecem o fator que mais pesa sobre as mulheres. O que torna o exercício da maternidade e a existência dos filhos um martírio é na verdade o que fazem a elas através destes.

Ao conversar com mulheres que vivem a maternidade, percebi o quanto estamos vivendo num momento em que se faz possível separar os filhos e o que se sente com relação a estes, do papel social construído culturalmente do que é ser mãe. O que faz da maternidade uma possibilidade eficaz de sofrimentos, dificuldades e cerceamentos para a mulher não se apresenta em um único pilar. Não encontramos o foco da questão olhando apenas para a dicotomia estabelecida historicamente entre o ser homem e o ser mulher, entre o feminino e o masculino, entre as construções do papel do pai e da mãe.

Ao ouvir as mães que estão ao meu redor, no meu cotidiano, percebi que a bola de ferro que pesa o caminhar daquelas que por situações várias se tornaram responsáveis únicas e diretas pelos filhos, também aprisiona e pesa sobre o caminhar daquelas que se encontram socialmente acompanhadas através de relações que as unem a um parceiro. Salvo as devidas proporções, o peso que sobrecarrega uma também sobrecarrega a outra. Com a construção dos papéis definidos historicamente como feminino e masculino, mesmo que em desmantelamento hoje, a maior responsabilidade sobre o cuidado com as crianças é imputada à mulher. Para além disso, mesmo quando observamos organizações familiares que se esforçam para o compartilhamento justo sobre as responsabilidades da vida privada, ainda assim a mulher se encontra em desvantagem com relação ao homem, pois, fora dali, fora os parceiros em questão, socialmente falando, é ela a cobrada pela educação dos filhos.

Transcendendo o lar, para além do grito que permite às mulheres se posicionarem de forma a convocar os homens, pais de seus filhos a um arranjo que seja justo no que concerne à administração da vida privada, há ainda uma luta sendo travada para que consigam adentrar e se manter na esfera pública da sociedade onde buscam possibilidades que as permitam ser e pertencer fora da domesticidade do lar. Ficou declarado o quanto cansativo é para uma mulher se afirmar no mundo e se é mãe, a dificuldade é elevada ao quadrado, pois além de lutar pelo seu direito de ser e pertencer, não deve desconsiderar a existência de um outro que por muitos anos acaba sendo apontado como seu grande dependente dos quesitos mais básicos como alimentação, higiene e sobrevivência aos mais complexos como educação, formação para viver em sociedade e caráter. Passando por este ponto,

<sup>7</sup> Referência ao poema *Gritaram-me Negra*, de Vitoria Santa Cruz

observei que é ideal que seja estabelecida uma discussão sobre o cuidar das crianças como responsabilidade compartilhada não somente entre aqueles por elas primeiramente responsáveis, mas ainda com uma noção ampliada e mais crítica sobre tal.

Para partirmos a uma reflexão, trago o provérbio africano que diz “*é preciso uma aldeia para educar uma criança*”. O provérbio pode parecer simples, mas requer um exercício reflexivo extenso. Primeiramente, o que dificulta pensarmos por este viés como me parece o sugerido pelo dito é que aqui em nossa sociedade construída com suas bases no sistema capitalista que exalta o indivíduo e estimula a individualidade, o egocentrismo e a ideologia do mérito, extinguímos a noção de comunidade, de comunitário e de comunhão. Assim, nos habituamos ao isolamento total possível e somos levados a crer sermos os únicos responsáveis pelo nosso destino, como se aquilo que é exteriormente formulado não me coagisse a determinados lugares sociais e comportamentos. Daí, esclarecemos as possibilidades de atuação para cada qual: a vida privada para a mulher e a vida pública para o homem. A maternidade facilita a possibilidade de ser a mulher mantida no lugar a ela destinado.

Para que seja eficiente a ideia acima apresentada, construções várias e unilaterais são feitas com relação aos cuidados com os filhos e tais construções produzem discursos que projetam na sociedade aquilo que ela espera de uma mãe: que ela seja a grande detentora da capacidade de gerar, educar e formar seres humanos para o mundo. O filho é da mãe! Mãe é mãe. Pai é outra história. Percebendo tal ação sobre si, uma das mulheres com quem dialoguei, declarou ser a maternidade o ato social mais solitário que ela conhece. Alega que por mais que lute pela libertação da mulher de tantas amarras, incluindo a da maternidade, acredita que se sente vivendo num funil, cada vez mais se sente pressionada, sendo conduzida a um estreitamento que foge do seu controle. Percebe que as construções acerca da maternidade são difíceis de serem desestruturadas ou, ao menos, contornadas, pois ao pensá-las enxerga um paradoxo de liberdade e prisão. Prisão porque cerceia. Quando não cerceia, dificulta de tal forma que torna o trajeto da vida extremamente cansativo e, assim, o torna algo de qualidade duvidosa. Por vezes, tal dificultamento é tamanho que torna uma desistência de si a escolha mais confortável para o corpo, mas nem sempre para a alma. De repente, quando o caminho parece claro, as encruzilhadas se apresentam. A vida dos filhos que ainda são dependentes de seus pais, requer decisões, abdições e negociações. Neste momento, aquela prisão é colocada para a mulher como um mundo de plena liberdade, onde é ela a única com o poder de tomar as decisões pertinentes, como se fosse isso, um privilégio.

Concordo com o que disse esta mulher e sinto que é nessa cruel liberdade imputada a nós, de escolher sobre a vida dos filhos, que se delineia a solidão da maternidade. É aí que fica estabelecido que o filho é da mãe. Junto a esta imposição recebemos de brinde o pacote da culpabilização. A culpa maternal é um processo que advém de dois pontos, o externo e o interno. O estabelecimento da culpa vem da sociedade que reproduz às construções machistas acerca da maternidade e da criação dos filhos. Ela vem também de dentro, do interior da própria mulher. Uma se sente culpada por todas as vezes que se exalta com a filha. Outra se sente culpada

porque sua cria estuda numa escola que está longe do que concebe como uma prática educacional libertadora. Se culpa ainda, por todas as noites que precisa sair de casa para atender suas clientes e deixar seus filhos dormindo. Algumas se culpam pelo excesso de trabalho, os que lhes ocupa muito tempo fora de casa. Aquela, certa da decisão que tomara, se culpou quando decidiu não abdicar do seu mestrado em outra região do país e, assim, não tendo o que fazer, levou consigo os seus filhos, lá chegando os viu chorar pela precariedade das condições da casa em que morariam durante o tempo do curso. Passou todo um semestre se culpando porque seus filhos ficavam trancados em casa o tempo todo enquanto ela estudava, pois tomava a prisão como a medida de segurança mais acertada naquele momento para eles. Sucumbiu. Passou a levar os filhos para a universidade e lá eles passavam o dia. Culpou-se por isso também. Desistiu de mantê-los consigo. Entre um semestre e outro resolveu retornar com eles para casa e os deixou sob os cuidados de sua mãe e irmãos. Voltou ao mestrado sem os filhos, em outra região do país. Certa de que fez a melhor escolha para eles, mas ainda assim se culpou pela saudade que se estabeleceu. Tem a mãe que se culpa por ter trabalhado toda a vida e ainda assim não ter construído patrimônio material para os filhos. Por alguma razão ela considera isso mais importante que o tempo que deixou de viver com eles. As mais jovens, se culpam por retornar ao trabalho e deixar o filho de meses sem o seu seio. Entendem que sua renda é determinante para a família e, por esta razão, passam toda a sua licença maternidade cogitando possibilidades de não precisar retornar, mas também não precisar abster a si e sua família da sua renda. Voltam. Sofrem. Sofreriam ainda que não tivessem retornado. E eu? Eu me culpo por tantas coisas que não poderia dizê-las senão diante da minha terapeuta, mas, não creio seja justo não me colocar nesse exercício de reflexão e autoavaliação. Me culpo. Me culpo, assim como aquela, porque minha filha está numa escola que esmaga os sujeitos para colocá-los dentro de caixas padronizadas, principalmente, porque ela lá está para atender às minhas necessidades de dedicação à construção de minha carreira. Me culpo, assim como a outra, porque às vezes estou impaciente com minha filha e acho que isso é muito mais que uma dificuldade minha que mau comportamento dela. Me culpo, assim como aquela outra, porque não abro mão da minha carreira acadêmica e, assim sendo, vivendo unicamente com minha filha e sendo por ela responsável, preciso levá-la comigo à universidade a fim de conseguir cumprir meus compromissos. De antemão, me culpo, assim como muitas, por não saber se toda essa luta que hoje travo será suficiente para nos proporcionar uma vida material razoavelmente confortável no futuro. Me culpo pela dúvida se vale ou não abdicar de uma convivência mais tranquila e dedicada à minha filha em vez de nos lançar num ritmo frenético de vida só para dar conta de um eterno devir. Me culpei por ter retornado ao trabalho ao tno da minha licença maternidade. Particularmente, não consegui administrar a situação, mesmo estando num momento em que financeiramente era a minha renda que segurava a vida familiar. Depois de um tempo, retornei ao mercado de trabalho e, mais uma vez, me culpei por isso. Não sabia se valia à pena. Nunca sabemos se vale. Voltei porque, apesar de ter ficado inteiramente dedicada à minha filha, o que eu julgava o correto e mais justo com ela, com o tempo, não me pareceu o mais correto e nem o mais justo comigo. E isso, esse sentimento que oscila entre o que a mulher considera correto e justo consigo e o correto e justo com seus filhos, me parece algo bastante comum e

que é capaz de nos afundar num poço de culpa cruelmente preparado pela sociedade para nós.

Ao longo do processo de pesquisa, a proposta nesta delineada me pareceu uma discussão de extrema importância. Primeiro, para o questionamento sobre as formas de opressão que são forjadas a partir de uma ideia de gênero já ultrapassada. Segundo, para que haja o real reconhecimento, respeito e valorização da mulher, em seus múltiplos papéis sociais, na/pela sociedade e suas instituições.

Faz-se necessário indagarmos não somente sobre a participação do homem no espaço privado, no que diz respeito à administração do lar, suas tarefas e os cuidados com filhos. Precisamos sair desse lugar comum e ir além. Conseguir o compartilhamento adequado da vida privada entre homens e mulheres é de extrema relevância para uma reorganização das formas dos indivíduos se relacionarem em nossa sociedade. Entretanto, se é claro que há uma estruturação do machismo em nossa sociedade e que é algo que supera as relações pessoais, as narrativas apresentadas e tantas outras facilmente observadas no cotidiano nos levam a perceber que a sociedade e suas instituições, assim como os indivíduos, precisam urgentemente ser problematizadas e convocadas a mudanças que possibilitem o acolhimento das mulheres e sua maternidade.

As gerações de mulheres que aí estão, não mais se encerram no recato do lar. Elas estão na rua, no mercado de trabalho, nas instituições de ensino, nos movimentos sociais e espaços de politização da vida. Parte dessas mulheres está inserida na maternidade por opção. Outras não. Precisam ter formas de lá se manterem. Precisam ter tais espaços adaptados a elas e sua condição de maternidade que não mais se sustenta somente na esfera privada da vida. Precisamos trabalhar em cima de um conceito de justiça e não de igualdade. A justiça precisa respeitar e, principalmente, se respaldar nas diferenças. Então, assim sendo, convido a enxergarmos a maternidade como espaço que possibilita a empatia, a valorização do diverso e a luta política a fim de que mulheres possam ocupar espaços na sociedade sem que para tal, seja necessária uma dicotomia entre o “ser” e o “não ser mãe”. A maternidade não deve ser uma escolha entre ser ou não massacrada e alijada na sua condição de mulher, profissional, acadêmica e o que mais ela quiser ser. E, mesmo quando a maternidade não se torna encarceradora, tal resultado se dá com base em escolhas que por vezes apontam rupturas e abstenções difíceis de adotar. Assim sendo, esta pesquisa nos mostra a necessidade de uma discussão atenta sobre o peso das escolhas e das vivências desta mulher que é mãe, para ultrapassar os espaços e ideais de comportamentos a ela permitidos.

O que é ser mãe? O que é ser mãe e insistir em ser você mesma, fora da existência dos filhos? Digo, não desconsiderando-os, mas dando a si o mesmo lugar de importância que a eles. Considerando-os sem se desconsiderar. Houve quem dissesse que a maternidade é essa loucura mesmo. Que é um lugar de tentativas, erros e acertos. É uma oportunidade de evolução, mas não de uma perspectiva ideal e sim de uma perspectiva de vida que se quer espiritualizada. Maternidade como lugar de aprendizado e expiação, como possibilidade de construção, desconstrução e reconstrução de si a partir do outro. É experiência que permite os olhos sorriem fartos de cansaço. É um lugar que solicita pausa, mas nem sempre há essa

possibilidade. Uma delas disse, sem pestanejar, que a maternidade lhe proporcionou a medida exata do amor. Foi com o nascimento do seu primeiro filho que percebeu o quanto nada entendia sobre o que era amar. Esclareceu com veemência: “amo meus filhos, mas aprendi a amar com o tempo. Esse negócio de amor inato é uma balela”. Explicou que a primeira construção acerca da maternidade com a qual se deparou quando tomou seu primogênito nos braços foi a noção de responsabilidade. Não pensava naquela coisa bonita de ter a responsabilidade de educar um grande homem, mas sim, se desesperava levemente em pensar que tinha a responsabilidade de manter aquele organismo vivo. A responsabilidade que furtou dela algumas semanas de sono, estava embasada em sua crença de que era a única a ter o dever de manter aquela criança alimentada, limpa e respirando. Não teve tempo para amar, confessou. Percebeu que amava seu filho quando se viu certa de ter a capacidade de cumprir aquilo que associava a ideia primeira de responsabilidade. Não sabe quando exatamente, mas em dado momento, quando a pânico se esvaiu, se percebeu amando. Outra delas, foi mãe bem jovem e disse que, talvez por isso, nunca tenha pensado sobre o que é a maternidade em sua vida. A maternidade apenas “é”. Seus filhos são parte da sua vida, do seu cotidiano e da sua felicidade. Se sente completa com eles. Pensa em quantas boas oportunidades de vida poderão ter, bem diferente dela que sempre encontrou suas oportunidades em meio a muitas dificuldades. Toca a vida. Abre suas estradas. Constrói os seus caminhos e terá seus filhos em companhia até onde e quando eles quiserem. Busca uma relação de amizade. Olhando de longe, me pareceram três irmãos. Acha graça quando seu caçula pede atenção e a acusa de só querer ler.

Algumas delas dizem que olham ao redor e percebem o quanto a maternidade submete a mulher sim, mas se sentem tão felizes com seus filhos que esta questão ganha uma conotação exclusivamente política em sua vida. São daquelas que se esforçam para não perder a paciência com os filhos, mas não deixam de se posicionar percebida das construções que tomam a maternidade como uma poderosa ferramenta de opressão contra as mulheres.

Algumas são donas de uma calma que contagia, mas são incapazes de proferir julgamento sobre aquelas que, como eu, por vezes, não mantêm o total equilíbrio perante a maternidade e as situações por ela forjadas. Já eu, não vejo a maternidade, mas sim, vejo o mundo através dela. Não sei se conseguiria dizer minimamente o que sinto com relação à maternidade. Não poderia, por exemplo, adotar um discurso apresentado recentemente por mulheres que como eu, não se furtam em falar sobre a maternidade em sua plenitude, inclusive sobre aquilo que ela traz de dóido, pesado, cruel e perverso. O discurso de que falo é um que diz “amo meu filho, mas odeio ser mãe”. Como disse, não poderia lançar mão de tal discurso. Pode parecer complexo, irônico talvez, mas hoje, no auge dos meus trinta e dois anos, digo: eu amo minha filha e amo a maternidade. Eu amo ser mãe! A maternidade me define. Ela me explica ao mundo e explica o mundo a mim. Fui mãe por escolha. Digo hoje com toda a certeza que foi uma escolha consciente. Eu sempre soube que seria difícil e cansativo. Em contrapartida, sempre soube que seria o maior aprendizado que eu teria em Terra. E, até o presente momento, posso dizer que minhas perspectivas vêm se confirmando. Tem sido difícil, cansativo e uma escola com um riquíssimo nível de ensinamentos. A maternidade é linda. O

amor que venho construindo com minha filha é inexplicável. Sensação de reencontro, de missão planejada por nós no plano espiritual. É um amor que transborda pelos olhos e salta pelos poros. A maternidade bate na aorta. Fere, mas é um ferimento que vicia e que quero ver sempre latejando. Sangrar me diz que estou viva. Ela me oferece a maior de todas as motivações para sair do sono todas as manhãs. Me motiva a caminhar.

#### **4- Conclusões**

Através da pesquisa, dos diálogos e trocas através dela constituídos, percebi que, justamente, por ser a maternidade algo que me impulsiona a caminhar, logo é também, algo que me permite compreender o quanto de dificuldades se estabelece nesse passo-a-passo da vida de uma mulher que é mãe e insiste em atuar no mundo. Daí a necessidade de discutir, refletir e problematizar tais dificuldades.

A maternidade me levou a olhar com mais atenção para a condição das mulheres ao meu redor. Vi que compartilhávamos muitas dificuldades. Vi que os cerceamentos se impõem a todas. Constatei por hora que a maternidade tem sido sim um espaço eficiente de opressão da mulher pelo homem. Mas como dizem, não há luz sem escuridão. Se não fosse a maternidade uma forma bastante poderosa de opressão contra a mulher, logo não se estabeleceria como um rico espaço político.

Quando converso com mulheres sobre a maternidade que exerce, percebo o quanto todas, cada qual ao seu modo, estão se posicionando política e eticamente diante do mundo e suas questões. Elas se movimentam ou, simplesmente resistem, às construções machistas e a rígida dicotomia dos papéis de gênero constituídos com base no patriarcado, muito frequentemente sem ter consciência de que fazem. Consciência menos ainda tem de que tais posicionamentos são políticos. Pude observar que a maternidade é sim cerceadora, encarceradora, porém, ela tem sido exercida por mulheres que não mais permitem docilmente que desta forma ela atue sobre suas vidas.

As mulheres que encontro, as que são mães e também aquelas que não são e/ou não serão, parecem a princípio estarem em crise com a maternidade, mas olhando e dialogando mais atentamente e ouvindo o que elas têm a dizer, é possível compreender que a crise não é com a maternidade diretamente. A crise que tem se estabelecido é com a estruturação do machismo em nossa sociedade. Tal estruturação faz da maternidade uma eficiente ferramenta de opressão e cerceamento das mulheres.

Tenho ouvido cada vez mais, discursos de negação da maternidade que me parecem muito coerentes e merecedores de apoio, que se constituem a partir daquilo que não se quer sofrer, daquilo do qual as mulheres não desejam abrir mão. Temos aí uma geração que, cada vez mais, tem consciência das impossibilidades que lhes serão imputadas caso se torne mãe. Tem me parecido muito mais uma escolha pelo não ser ainda mais marginalizada do que uma indisposição para lidar com a formação de outro ser humano.

Para finalizar a discussão desta pesquisa, após os diálogos estabelecidos, me dispus a observar os dados do IBGE na pesquisa feita sob o recorte de gênero. A

pesquisa aponta que em matéria de escolarização, de modo geral, as mulheres vão aos níveis mais altos. Os homens, engrossam os números no quesito abandono escolar, principalmente, por conta da necessidade de ir ao mercado de trabalho. Entre as mulheres mais jovens, verifica-se que mais da metade que está fora do processo de escolarização tem esse afastamento diretamente ligado à maternidade.

Penso que, mais que motivados pela necessidade econômica, os homens mais jovens, aqueles que abandonam o ensino médio para ingressar no mercado de trabalho, o fazem também influenciados por uma construção de gênero que ainda hoje coloca o homem como o provedor material, assim como, coloca as mulheres como as responsáveis pelo lar e pelos filhos. Logo, estas abandonam a escola para se encerrarem no lar. Não somente a partir desse quadro, observo que, mesmo havendo a intenção em se manter no processo de escolarização, as mulheres quando são mães, de alguma forma, se não de muitas, são empurradas a se retirar do mesmo, pois as instituições de ensino, seja qual for o nível de escolarização, não estão estruturadas a receber e acolher mulheres que atuam na maternidade.

Por tudo que foi e ainda tem sido pensado por mim, através das discussões iniciadas pela minha pesquisa de mestrado, estou certa sobre a continuidade deste trabalho no curso de doutorado, onde proporei o enfoque em torno de questões que revelem o que é ser mulher, mãe e acadêmica na realidade do campus da UFRRJ onde atuo, e da região em que ele se localiza. Em tal contexto, contamos com uma maioria de mulheres que são mães solo, trabalhadoras e negras. A ideia é discutir a estruturação de um machismo que se quer acadêmico e que dificulta, constrange, penaliza e quando não, cerceia a atuação dessas mulheres num espaço que se constituiu historicamente como masculino, branco e de classe média a alta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo – volume único*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2009.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Ed. Rocco, RJ, 1999.

MIGUEL, L. F. *Feminismo e Política: uma introdução* / Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2014.